



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: iconic soviet style poster for "Anarchy", socialist realism, lithograph, red, white, black

NEOLIBERALISMO, CONTRARREVOLUÇÃO E PÓS-FASCISMO NO BRASIL*

Augusto Jobim do Amaral  [0000-0003-0874-0583](https://orcid.org/0000-0003-0874-0583)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo delinear a configuração política no Brasil desde uma condição "pós-fascista". Desde um pensamento filosófico radical, lança mão de três eixos principais de reflexão: (1) demonstra como o neoliberalismo vampiriza a liberdade, fazendo desaparecer futuros possíveis pelo esgotamento de energias e pelo solapamento de imaginação; (2) aponta a necessidade de se mover mesmo sem esperança e para além do medo, com uma capacidade de agir alegre de estar, fazer e lutar juntos, em favor de uma força real que arrisca o *impossível* como condição primeira e última e (3) analisa, primeiramente, a operatividade da contrarrevolução brasileira em termos gerais políticos e históricos para alcançar o estatuto político na atualidade, ou seja, para além de um regime suicidário, sustenta-se a presença de uma condição de paz do terror ou da sobrevivência. Como conclusão, que se esboça ao longo do texto, experienciamos a ultrapassagem de um fascismo como montagem micropolítica de guerra total para um governo pela paz do terror na forma de mera sobrevivência.

Palavras-chave

Neoliberalismo; fascismo; contrarrevolução; Brasil.

NEOLIBERALISM, COUNTERREVOLUTION AND POST-FASCISM IN BRAZIL

Abstract

This essay aims to outline the political configuration in Brazil from a "post-fascist" condition. From a radical philosophical thought, it makes use of three main axes of reflection: (1) it demonstrates how neoliberalism subtracts freedom, restricting possible futures, depleting energies and restricting imagination; (2) points to the need to move forward even without hope and beyond fear, with a capacity to act joyfully by being, doing and fighting together, in favor of a real force that risks the impossible as the first and last condition and (3) analyzes, firstly, the operability of the Brazilian counterrevolution in political and historical terms to achieve the political status today, that is, in addition to a suicidal regime, the presence of a peace of terror or mere survival is sustained. As a conclusion, which is outlined throughout the text, we experience the overcoming of fascism as a micropolitical collage of total war.

Keywords

Neoliberalism; fascism; counterrevolution; Brazil.

Submetido em: 31/05/2023

Aceito em: 27/07/2023

Como citar: AMARAL, Augusto Jobim do. Neoliberalismo, contrarrevolução e pós-fascismo no Brasil. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. e46400, jan./jun. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

* O presente trabalho foi realizado com auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Introdução

Agir desde complexos fenômenos que envolvem a análise sobre neoliberalismo e fascismo na filosofia política, ademais com um vigor que pretende perceber o que se passa na contemporaneidade brasileira de modo radical, e desde a atual vastidão de textos, abordagens e interesses produzidos convoca, antes de tudo, passar por um problema filosófico mais fecundo e fundamental: um movimento que tem a ver com a própria tradução da realidade, naturalmente, muito além da ideia de transposição mecânica de um problema de signos linguísticos. Assim, de modo introdutório, se por um lado, não raro, podemos tomar a realidade a partir do texto, como se as ideias pudessem servir apenas para serem aplicadas, como se fossem blocos de sentido que encaixotam e leem, por assim dizer, a realidade; por outro, perdemos uma dimensão importante dos textos e suas ideias quando a apresentamos como explicações da realidade, olvidando propriamente que são ações que a transformam e intensificam nossas práticas.

Em outras palavras, presente está o risco de converter o texto em lei – algo que somos talhados juridicamente – em que a experiência deve se ajustar. Preocupados com os mais diversos textos, podemos ser atraídos pelo “que”, pelas palavras do autor, para escutar as informações contidas no texto, pronto para dele ser extraída a interpretação correta dele e da realidade. Por outro lado, atrai-me um diferente problema de *tradução*: escutar o ritmo da realidade, o “como” o corpo faz a linguagem. Avesso a uma certa ordem que os discursos e seus autores procurarão deflagrar, importa antes escutar o ritmo da realidade. Com suas intensidades, é fazer com o que o novo dela não se perca, o inusitado que, portanto, fará ver de outro modo e transformar a mirada, ou seja, mudar nossa maneira de fazer e pensar. Desta forma é que se poderia valorizar um intento como este, mesmo no limitado espaço, de refletir sobre questão tão importante quanto a condição política no país nesta quadra da história.

Portanto, mais do que indagar “o que” é o neoliberalismo, interessante seria perceber “como” ele se engendra, que ritmo emprenha e faz vibrar nossas formas de vida, até mesmo para tão logo um “novo ver, um novo ouvir, um novo pensamento” seja possível.¹ Mais do que uma ideologia, um regime político ou ainda esquema econômico, importa insistir que se trata de um modo de vida que forja nossas relações consigo e com os outros. Longe de uma derivação coordenada de classe dominante, está mais afeita aos conflitos concretos. Assim, a pergunta central está dirigida a apontar através de que técnicas se exercem cotidianamente suas violências.

Este será o pano de fundo para que possamos indicar o caminho pretendido por este ensaio ao colocar as afinidades entre as práticas neoliberais e o fascismo. Apenas deste modo é que, a seguir, conseguimos refletir sobre a clausura afetiva e a melancolia de forças progressistas dispostas pelo medo e ceifadas em suas energias de organizar futuros outros. A estratégia privilegiada para refletir neste ponto importará uma analítica libidinal do fascismo, em especial desde suas investidas contrarrevolucionárias. Neste ponto, é que o principal argumento pode emergir ao se indagar se não estaremos noutra estágio de um regime, não apenas mobilizado pela guerra total fascista, mas nos limiares de uma condição distinta, que longe de superar a outra, governa-a exatamente por uma pacificação terrífica, quer dizer, desde uma guerra de sobrevivência na forma de paz.

¹ HARDT. *The common in communism*, p. 141.

1. A emergência neoliberal e a morte do possível

Ao menos desde a publicação, mesmo que tardia no Brasil do curso de Michel Foucault de 1978-9 apenas em 2004,² este tipo de estratégia universal neoliberal está longe de poder ser compreendida como a expressão de uma fé na naturalidade do mercado, um anti-intervencionismo ou mesmo um mero desmonte de instituições. Sobretudo, eis o relevo fundamental da lição, ele produz subjetividades e formas de existência. A maneira de nos comportar e nos relacionar é concebida, como bem destacado por Pierre Dardot e Christian Laval,³ através da competição generalizada como norma de conduta e a empresa como modo de subjetivação. Eis o seu governo *pela* liberdade.

Se o interesse de Foucault naquela altura era perceber o âmbito da racionalidade política na qual a *biopolítica* apareceu, ou seja, o liberalismo, foi para insistir no "naturismo" (dogmatismo do *laissez-faire*) do mercado visto a partir do XVIII que o colocou como local de verificação, ou seja, como princípio econômico de racionalização governamental. Mas o mais importante estava na sua incursão contemporânea nas "novas" formas que identificava nesta arte de governar, ponto em que adentra o exame do neoliberalismo alemão e americano (corrigido precisamente por Dardot e Laval com sua emergência a partir do Colóquio Walter Lippmann ainda antes da Segunda Grande Guerra⁴), principalmente para ver naquele uma "economia social de mercado" regulada institucional e juridicamente e neste a ampliação de seus esquemas de mercado como critério de decisão em todos os campos.

Em suma, no neoliberalismo, deve-se governar para o mercado sob intervenção estatal, nada a ver com o espontaneísmo do mercado em seu espaço natural. Portanto, não se trata apenas do mercado como organizador do Estado em que a questão central seria, em havendo o Estado, saber como limitá-lo pelo mercado, mas *como legitimar o Estado pela economia*, e ainda mais, como implementar uma forma de governo da sociedade desde este tipo de política vital da empresa e da competição.

Tendo tais premissas como base, deve-se insistir num aspecto por vezes marginalizado da questão: o que o capital deve sempre obstruir? O que necessariamente ele bloqueia? Para encontrar uma resposta minimamente aceitável, importará atentar para o verdadeiro objetivo, ao menos nos últimos quarenta anos, que se buscou *exorcizar* do horizonte comum. Se o capitalismo é um sistema que gera escassez artificial para produzir escassez real e vice-versa, hoje muito bem estampada na escassez real de recursos naturais e na escassez artificial de tempo generalizado, o triunfo do neoliberalismo requereu a cooptação do conceito de liberdade. Digamos de outro modo, das potencialidades sufocadas pela administração da subjetividade. Como ressaltava Mark Fisher,⁵ a verdadeira meta do neoliberalismo não foram seus inimigos oficiais, como as ruínas do *welfare state*, mas a destruição de qualquer condição para se pensar uma espécie de comunismo libertário que aflorava nos sessenta e setenta, ao ponto de torná-

² FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*.

³ DARDOT; LAVAL, *A nova razão do mundo*.

⁴ DARDOT; LAVAL, *A nova razão do mundo*, p. 71 ss.

⁵ FISHER, *K-Punk*, v. 3, pp. 124-125.

lo impensável. Usando as lições de Marcuse, “exorcizar o fantasma de um mundo que pode ser livre”.⁶

Não será à toa que se poderá apontar para a consolidação daquilo que consagrou chamar de “realismo capitalista”⁷ na violenta demolição do governo de Allende no Chile em 1973 e sua experiência de um socialismo democrático. Extirpar esta ideia e fazer consolidar o neoliberalismo como único modo “realista” de organizar a sociedade requer enorme esforço cultural. Sua inevitabilidade sem dúvida passou pelo fracasso das esquerdas naquele momento com o repúdio dos sonhos desatados pela contracultura e sua incapacidade de se ver implicada neles. Antes de dizer de maneira falsa que os sessenta conduziram ao neoliberalismo – como costuma indicar um relato facilista sempre em momentos de profunda experiência de abertura e oportunidade –, melhor entender a habilidade, a energia e a imaginação despregadas nestes momentos, até mesmo para melhor ler como opera a contrarrevolução neoliberal. O *Novo espírito do capitalismo*⁸ provém exatamente disto: de como estas forças reacionárias souberam amarrar, digamos melhor, vampirizar⁹ e obstruir projetos, fazendo desaparecer futuros possíveis.

A crença de que não há alternativa ao neoliberalismo por mais tragédia que se acumule no seu horizonte é exatamente viável porque ele estabeleceu um futuro, procurou se vender como único viável e logrou êxito. O neoliberalismo capturou e absorveu exitosamente o descontentamento com o esquerdismo burocrático centralizado, bem exposto pelo maio de 68 francês (que na Itália, por exemplo, se estendeu por quase uma década¹⁰). Sobretudo, ele soube metabolizar os desejos de liberdade e autonomia que ali emergiam. Longe de poder se dizer que estes conduziram a ascensão daquele, muito mais fundamental é perceber o fracasso dos progressismos diante das novas aspirações.

Analisado este sintoma talvez encontremos uma encruzilhada preciosa de ser vista. Franco Berardi¹¹ a relembra através do ano em que o “futuro morreu”: 1977. Quando os *Sex Pistols* cantaram pela primeira vez a provocação “no future”, talvez nunca tivessem imaginado o quanto isso se tornaria senso comum, fruto de uma espécie de esgotamento de energias e solapamento de imaginação. Nosso estreitamento de habilidades de produção de futuros parece ter-se tornado flagrante. No 68 francês, estendido no 77 italiano, porque não dizer também, em algum sentido, dez anos depois do 2013 brasileiro e noutros vários *acontecimentos* – no sentido forte –, expressões como “sejam realistas, exijam o impossível” acabaram por se conformar à publicidade. Retomar os fundamentos desta cena política requereria, segundo Bifo, na implícita mensagem antiautoritária da contracultura, “ampliar a área do possível”.¹²

A *ampliação da esfera do possível* passa por se perceber que além das necessidades ligadas à evolução previsível da realidade neoliberal presente, há uma dimensão que sempre pode ser libertada de suas formas. É a própria experiência do possível que precisa se expressar, numa espécie de alargamento que surge exatamente destes movimentos, ritmos outros que, a certa altura, ampliam o pronunciável e o visível.

⁶ MARCUSE, *Eros y Civilización*, p. 95.

⁷ FISHER, *Realismo Capitalista*.

⁸ BOLTANSKI; CHIAPELLO, *O novo espírito do capitalismo*.

⁹ MARX, *El Capital*, pp. 278-9.

¹⁰ BALESTRINI; MORONI, *L'orda d'oro 1968-1977*.

¹¹ BERARDI, *Depois do Futuro*, p. 69.

¹² BERARDI, *Depois do Futuro*, p. 64.

Potência, portanto, de modelação do imaginário¹³ que é sempre possível a cada instante: "o ano de 1968 reivindica uma extensão do campo do possível. Só isso. A imaginação é a atividade de extensão do campo do possível".¹⁴

Apenas acrescentaríamos neste ponto, desde logo, mesmo sob pena de irmos rápido demais no espaço deste ensaio (ainda que retornemos no próximo tópico a isto) que, esta potência de "futurabilidade"¹⁵, por assim dizer, habilidade para criar futuros possíveis, para que exatamente fuja das tendências finitas e que perceba as capacidades comuns, de modo radical, não deixa de ser interrogada pelo que impinge seus mecanismos de emergência. Para se pensar propriamente seu regime de possibilidade, quer dizer, a *estrutura destes espaços de possibilidade*¹⁶, não poderá a pergunta se dirigir somente ao "possível", por *justiça* ao lema.¹⁷ Assim, ao nosso juízo, a exigência não deixará de ser convocada desde o *impossível*. Para que esta diferença política radical possa ser possível e atualizável, para que não se ampute o acontecimento, é o impossível que se convoca, algo que atravessa assimetricamente, que não espero vir, irredutível a qualquer horizonte de projeção.¹⁸

Os limites do possível sempre dependerão do *por vir* impensável, indizível, irrepresentável e inconcebível, mesmo que vinculado a ele numa contaminação inextrincável: aporia que o *dis-põe* como assimétricos e complementares. Em última medida, esta contaminação sempre está aqui. Há impossível *no* possível – possível apenas como experiência aporética do impossível: *im-possível*. E este *outro an-árquico* do possível, frise-se, não se deixa idealizar como privativo ou relativo ao que possa reenviar indefinidamente. Apodera-se *aqui e agora* como o que "há de mais inegavelmente *real*". É então, em última instância, deste lugar que é preciso falar: a propósito de um espaço anterior a qualquer determinação, que necessariamente nem é o lugar *a partir* nem *em vista* dele que se fala, "mas a respeito da possibilidade ou da impossibilidade de um tal lugar".¹⁹

2. O assombro da alegria para além da melancolia

Levar a sério os discursos neoliberais parece ser outra postura essencial às nossas intenções, a não ser que queiramos ignorar suas estratégias. A superioridade moral que avassala grande parte das ditas esquerdas ao menosprezar os ensinamentos neoliberais normalmente é uma péssima conselheira. Vale a pena aprender um pouco

¹³ BERARDI, *Depois do futuro*, p. 43.

¹⁴ BERARDI, *Depois do futuro*, p. 66.

¹⁵ BERARDI, *Futurability*.

¹⁶ DeLANDA, *Philosophy and simulation*, p. 05.

¹⁷ Para Derrida, se o direito é essencialmente desconstruível, sobretudo porque seu fundamento último não é fundado, a *justiça* nela mesma, se algo como tal existe, não é desconstruível: "A desconstrução é a *justiça*", ela que torna possível a desconstrução. Por isso a consequência radical da proposição: "a desconstrução ocorre no intervalo que separa a indeseconstrutibilidade da *justiça* e a desconstrutibilidade do direito. Ela é possível como uma experiência do impossível (...): a desconstrução é possível como impossível. DERRIDA, *Força de Lei*, p. 27.

¹⁸ DERRIDA, *Vadios*, p. 165.

¹⁹ DERRIDA, *Vadios*, p. 160.

com isso para entender por que um regime febril, moribundo, que se arrasta como zumbi, como lembra Mark Fisher,²⁰ teima em se manter como única alternativa e difícil de matar.

Difícilmente se esquece a entrevista clássica da Hayek ao jornal chileno *El Mercurio* em 12 de abril de 1981 que, através de sua honestidade inegável, comentando sobre as ditaduras como formas de transição para democracias "livres de impurezas", assume a que veio:

às vezes é necessário que um país tenha, uma forma ou outra de poder ditatorial. Como você entenderá, é possível que um ditador governe de maneira liberal. E também é possível que uma democracia governe com total falta de liberalismo. Pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo.²¹

Entretanto, insistiríamos ainda, de fato, na lição mais aguda que seu discípulo Milton Friedman colocou no prefácio de 1982 em sua obra prima *Capitalismo e liberdade*:

Somente uma crise – real ou percebida – produz transformações verdadeiras. Quando uma crise ocorre, as ações que se tomam dependem das ideias que estão aí. Essa, creio, é nossa função básica: desenvolver alternativas às políticas existentes, mantê-las vivas e disponíveis até que o *politicamente impossível se transforme no politicamente inevitável*.²²

Mais do que mera provocação, talvez se deva criar as condições para a emergência a partir dos recursos de seu inimigo²³ onde as suas observações sirvam menos para serem subestimadas e mais como inspiração. Lembrando o alerta de Benjamim: "A grotesca subestimação do adversário, na qual se baseiam suas provocações, mostra até que ponto a posição desta inteligência radical de esquerda está de antemão perdida".²⁴ A lição conduz ao âmago do que viemos insistindo: qualquer ideia de um modo realista politicamente que pretenda enfrentar a condição neoliberal deve-se haver com o sintoma do fracasso em responder adequadamente ao descontentamento neoliberal e encarar uma certa "melancolia de esquerda" que condena o neoliberalismo como única política, em favor de uma força real que reivindica o *impossível até que se transforme no politicamente inevitável*.

Não existe um desejo natural ao neoliberalismo.²⁵ É de montagem libidinal, a rigor, que se trata. Mais do que propriamente uma identificação positiva com neoliberalismo, trata-se em geral de sua naturalização através da despolitização operada por sua visão de mundo. Seu realismo está neste tipo de apelo: cada um por si, fracasso e o sofrimento psíquico são problemas individuais, afinal "não há uma coisa como sociedade (...) apenas indivíduos, homens e mulheres, e famílias".²⁶ Tente outra vez, esforce-se mais, e se fracassar é porque não se esforçou o bastante e a culpa é sua. Engrenagem perfeita a produzir cada vez mais uma espécie de decomposição da solidariedade (forçando o apagamento de qualquer rede de proteção comum). Insucesso, nesta profunda

²⁰ FISHER, *K-Punk*, v. 2, p. 401.

²¹ HAYEK, *El Mercurio*, p. D8-D9.

²² FRIEDMAN, *Capitalism and Freedom*, p. xiv (grifo nosso).

²³ Cf. Parte 3 "Zombie time" de LAND, *Suspended Animation*.

²⁴ BENJAMIN, *Melancolia de esquerda*, p. 139.

²⁵ FISHER, *K-Punk*, v. 2, p. 482.

²⁶ THATCHER, *Interview for Woman's Own* ('no such thing as society').

dessocialização, é derrota individual. Despolitização da sociedade que não necessariamente passa por desdemocratização ou falência de instituições, mas por uma repolitização consolidada a partir dos anos setenta. Sua aceitação generalizada é administrada por uma engenharia libidinal que fixa pensamentos, afetos, desejos e crenças, significando o fim de outras possibilidades produtivas e libidinais.

De uma vez por todas, que se assuma que não há economia sem libido. A espiral de alternativas políticas possíveis geradas são incalculáveis contágios emocionais. A distopia neoliberal de verdades inexoráveis funciona, sobretudo, porque opera através de incessantes mecanismos de subjetivação/encarnação de uma abstração que é o capital: o capital tornado sujeito, autoconstituído pela valorização de mais valor.²⁷ Este intrincado conjunto político-libidinal é efetivo exatamente porque sobredetermina o futuro e despolitiza a sociedade. Seu intento de asfixiar qualquer sensação de um futuro que possa ser diferente deste é, segundo David Graeber, uma parte fundamental do seu projeto.²⁸

Este gradual cancelamento de futuros, como dissemos com Bifo, também lembrado por Fisher em sua espécie de autobiografia intelectual, só foi também possível por uma espécie de capitulação, fruto de uma "melancolia da esquerda" tão bem explicada por Wendy Brown.²⁹ Há um campo de forças, algo como uma "inércia polar" para usar Virilio,³⁰ um estado de estabilidade resignada. Melancolia é um afeto que o capitalismo produz, impulsiona e administra. Lembrando a já referida clássica resenha de Benjamin de 1931 ao livro de Kästner,³¹ Brown ataca a problemática estrutura de compromissos melancólicos cuja organização de desejos se aferra mais a suas impossibilidades do que a sua produtividade potencial. Por isso, olhará sempre nostalgicamente para o passado de medíocres satisfações, com saudades das instituições do *welfare*, crendo-se realista. Em verdade, não tem expectativa de transformação radical alguma.

A cultura do século XXI foi construída a partir dos nossos próprios desejos capturados. Cabe assim a atenção urgente para aproveitar os "espectros de futuros perdidos".³² Poderíamos chamar com Fisher de "hauntologia",³³ que novamente põe em jogo, com a espectrologia de Derrida, a questão do tempo cindido. "Aprender a viver *com fantasmas*"³⁴ que não estão presentes essencialmente como tais, e que são indóceis ao tempo que tenta pacificá-los. Aqui o *espectro* nada tem de sobrenatural, mas atua materialmente sem necessariamente existir. Assombro, portanto, fantasma que agencia a realidade sem estar completamente presente. O *im-possível* de que falávamos sugere isso: uma *relação* entre presença e ausência. Pode não ser mais, permanecendo em realidade como rastro e pode não ter ocorrido ainda atualmente, mas já é efetivo – para usar Hägglund³⁵ – como um *atrator*. Uma *injunção de sobrevida* que sempre convoca o futuro da abertura que "não se pode não contar com mais de um".³⁶

O *im-possível* só pode se tornar inevitável pela força do assombro, por um espectro presente que pode não ser atual, mas que sempre povoa os possíveis. Se tal

²⁷ JAPPE, *As aventuras da mercadoria*.

²⁸ GRAEBER, *Of flying cars and the declining rate of profit*.

²⁹ BROWN, *Resisting left melancholy*.

³⁰ VIRILIO, *A inércia polar*.

³¹ BENJAMIN, *Melancolia de Esquerda*, p. 138-141.

³² FISHER, *Los fantasmas de mi vida*, p. 55.

³³ FISHER, *Los fantasmas de mi vida*, p. 42.

³⁴ DERRIDA, *Espectros de Marx*, p. 11.

³⁵ HÄGGLUND, *Radical atheism*, p. 20.

³⁶ DERRIDA, *Espectros de Marx*, p. 13.

fantasma de algum tipo já era colocado em *manifesto* por Marx e Engels desde suas primeiras linhas em 1848, é pela importância que seu assombro tem para reinventar a solidariedade saindo da "impotência reflexiva".³⁷ No próprio legado que Fisher deixou, há um "comunismo ácido" por se construir. Política materialista que ultrapasse uma melancolia de esquerda e que boicote os vampiros que sugam nossa potência de "produzir, cuidar e desfrutar"³⁸ – construindo movimentos. Construção libertada de nosso lento cancelamento de futuros que tenha a potência de converter a desafetação privada e seu sofrimento, coligado à dessocialização indiferente, em "ira politizada".³⁹

A engenhosidade cuidadosa necessária para montar novas máquinas desejantes que canalizem estas energias é primordial. É na produção de novos atrativos libidinais que está a difícil tarefa de desarticular o realismo capitalista. Trata-se do desafio de criar e intensificar alternativas que quebrem os dispositivos de controle do imaginário (como o neoliberalismo) na direção de máquinas de liberação do desejo. Um novo "realismo comunista",⁴⁰ se assim quisermos, passa por um trabalho rigoroso que se valha da *plasticidade* do desejo.⁴¹ Um modelo alternativo do desejo, avesso às técnicas libidinais do capital e que crie novos vínculos, passa por um esquema motor que nada tem a ver com a ideia de elasticidade ou flexibilidade neoliberal, mas implica a adaptabilidade e capacidade de transformação.

Ademais, se não há um desejo natural do neoliberalismo, por mais que assim pareça ao se mobilizar o *medo* numa sociedade de segurança planetária,⁴² tampouco será pelo avesso, a *esperança*, que a mudança se dará. "A esperança é superestimada", afirma Eliane Brum.⁴³ Devemos literalmente prescindir dela. É um luxo que não temos. Lembremos Kafka quando escreveu ao seu amigo Max Brod: "Há esperança suficiente, esperança infinita – mas não para nós".⁴⁴ Questionar este afeto como ativo político é antes de tudo sentir que é necessário se mover mesmo sem esperança. Não apenas é possível, mas imprescindível esta postura quando ela é tornada *commodity* no mercado da *happycracia* neoliberal.⁴⁵ Escreve Brum:

Talvez tenha chegado a hora de superar a esperança. (...) Quero afirmar aqui que, para enfrentar o desafio de construir um projeto político para o país, a esperança não é tão importante. Acho mesmo que é supervalorizada. Talvez tenha chegado o momento de compreender que, diante de tal conjuntura, é preciso fazer o muito mais difícil: criar/lutar sem esperança. O que vai costurar os rasgos do Brasil não é a esperança, mas a nossa capacidade de enfrentar os conflitos mesmo quando sabemos que vamos perder. Ou lutar mesmo quando já está perdido. (...) Fazer como imperativo ético.⁴⁶

Quando Deleuze afirmava que "não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas"⁴⁷ era para fazer eco do relato de Spinoza em sua *Ética*, sublinhando tanto a

³⁷ FISHER, *Realismo capitalista*, p. 34.

³⁸ FISHER, *K-Punk*, v. 3, pp. 123-4.

³⁹ FISHER, *K-Punk*, v. 3, p. 119.

⁴⁰ FISHER, *K-Punk*, v. 2, p. 447.

⁴¹ MALABOU, *Plasticity at the dusk of writing*, p. 57.

⁴² PASSETTI (coord.); AUGUSTO; CARNEIRO; RODRIGUES, *Ecopolítica*, pp. 187-218.

⁴³ BRUM, *Banheiro Ôkotó*, p. 236.

⁴⁴ KAFKA apud BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, p. 142.

⁴⁵ CABANAS; ILLOUZ. *Happycracia*.

⁴⁶ BRUM, *Banheiro Ôkotó*, p. 245-6.

⁴⁷ DELEUZE, *Conversações*, p. 220.

reversibilidade do *medo* e da *esperança* quanto à nossa real *capacidade de agir*. Ao definir ambos, a ética spinozista dirá que a “esperança é uma alegria inconstante surgida da imagem de uma coisa futura ou passada, cujo resultado se duvida” e que “o medo, ao revés, é uma tristeza inconstante surgida também de uma coisa duvidosa”.⁴⁸ Enfim, no fundamento está a flutuação de ânimos que aponta “não se dá esperança sem medo nem medo sem esperança”.⁴⁹ Devemos, nestes termos, antes de tudo, falar da alegria ou da tristeza surgida da imagem da coisa que temíamos ou esperávamos. Se ambos são afetos tristes reversíveis derivados de nossa incapacidade de atuar, por outro lado sustentará Spinoza a *capacidade de agir* desde uma “alegria que surge da ideia de um objeto futuro de que já não duvidamos”, quer dizer, será a alegria que nos *faz fazer*, “aumenta ou favorece a potência de atuar do homem”,⁵⁰ força que nos move e que empurra à criação. Alegria de estar, fazer e lutar juntos, arriscar o *impossível* como condição primeira e última. Nada a ver com alguma “promessa de felicidade” conectada ao atual “imperativo da alegria” tão bem ressaltado por Sarah Ahmed.⁵¹ Nada de alegria ingênua, alienante ou de passível soberba, tampouco um respaldo ao niilismo. Menos ainda um entusiasmo voltado à vontade de superação, bem afeito às técnicas disciplinares de direção de nossas condutas. A alegria como ato ético de insurreição.

Não havendo um desejo pelo capitalismo em si, senão uma sofisticada engenharia libidinal que nossas novas máquinas desejantes devem desarticular, ainda assim estamos longe de qualquer necessidade de eleger entre Gramsci ou Deleuze e Guattari, como alertou Fisher,⁵² quer dizer, ficarmos encerrados na falsa escolha entre hegemonia e políticas do desejo. É óbvio que nossa ênfase está numa economia libidinal já que, por mais que os parlamentos ainda exerçam enorme poder sobre a vida e morte, ainda mais no contexto neoliberal, estas instituições não podem se renovar desde dentro. O que não quer dizer, por um lado, descartá-las, nem, por outro menos ainda, dotá-las de alguma primazia. Muito pelo contrário, cabe não cair na armadilha da falsa contradição espontaneísmo *versus* burocratização que apenas replica fetiches e bloqueia intercâmbios.⁵³ Há campos de ação possíveis em qualquer posição. Trata-se, porém, de pensar outra maneira a *im-possível relação* entre aquilo que tende a fazer-se estátua (*instituído*) e aquilo que transborda, sem figurá-lo como se fosse um caos sem continuidade (*instituinte*).

3. A contrarrevolução brasileira: pistas para uma condição “pós-fascista”

Mesmo que este *im-possível* não tenha nome próprio, o desejo não deixa de ser real. Se ele não tem nome, pouca dúvida resta que é de *futuro* que se trata. “Nosso desejo é de futuro (...) e vem do futuro (do mesmo futuro em que serão possíveis, uma vez mais, as novas percepções, desejos e conhecimento)”.⁵⁴

⁴⁸ SPINOZA, *Ética demonstrada según el orden geométrico*, pp. 140 e 172.

⁴⁹ SPINOZA, *Ética demonstrada según el orden geométrico*, pp. 159 e 172.

⁵⁰ SPINOZA, *Ética demonstrada según el orden geométrico*, p. 150.

⁵¹ AHMED, *La promesa de la felicidad*.

⁵² FISHER, *K-Punk*, v. 2, p. 482.

⁵³ FERNÁNDEZ-SAVATER, *Habitar y gobernar*, p. 267 ss.

⁵⁴ FISHER, *K-Punk*, v. 2, p. 483.

Haverá um esforço de trabalho onírico quando se quiser dismantelar o realismo capitalista.⁵⁵ O sonho capitalista é uma espécie de transe, que “desterra” a todos com sua violência súbita, insaciável e naturalizada. “Um sonho que se esqueceu que era sonho, e que pretende que nós também esqueçamos”.⁵⁶ Absorvemos suas urgências ao preço da demência de todos. A exposição do caráter bizarro e monstruoso é apenas para destacar a contingência deste sistema tornado senso comum. Por outro lado, há neste registro uma certa premência, por isso também monstruoso, de um exorcismo na direção daquilo que, como referi antes, se poderia chamar de um “realismo comunista”.⁵⁷

Fala-se muito em dissonância cognitiva nos meios políticos e, sobretudo, nos estudos jurídicos que se pretendem filosóficos, sem se sequer arranhar minimamente aquilo que importa na sua descrição. Mirowski⁵⁸ sublinha que ela nunca será uma ameaça às falsas crenças, pelo contrário, ela será um meio pelo qual tais crenças serão mantidas e, mesmo quando confrontadas com evidências, serão reforçadas dando forma mais robusta às convicções. Novamente com Spinoza: cremos também porque *queremos* crer, alheio ao jogo discursivo de esclarecimento, o que demonstra o quanto elástico é o conceito de racionalidade. Portanto, muito mais do que um hercúleo trabalho para convencer, deve-se desarmar o realismo capitalista por outro viés muito mais radical, pondo para circular e disputando este desejo com novos atrativos libidinais e modos inéditos de compartilhar conhecimento.

Se a relação liberalismo/autoritarismo puder ser vista, desde a polêmica Heller/Schmitt,⁵⁹ passando pela honesta confissão de Hayek na citada entrevista no Chile, insistir neste momento nos vínculos entre liberalismo e fascismo é fundamental. Há um júbilo, sem dúvida, ao fim e ao cabo, no âmago do liberalismo, dado a partir de uma espécie de *zona autônoma temporária*⁶⁰ cooptada e posta a ser alimentada por desejos reacionários. Uma espécie de revolução conservadora – mescla de “emoções revolucionárias” e “conceitos sociais reacionários” como escreveu Reich⁶¹ – aí se dá, alimentada pelo sofrimento, destruição e autofagia.⁶² Portanto, o nome disso é *fascismo*. No ventre do movimento (neo)liberal está o fascismo. *Fascismo é o prolongamento político da guerra e seus meios (neo)liberais vem a confirmar*. Se não o entendermos apenas como fenômeno histórico, localizado no tempo/espaço como regime estatal dos anos 20/30, mas como um *modo de vida*⁶³ e, sobretudo, como uma forma hegemônica presente na vida das sociedades liberais sempre em circulação, quer dizer, uma territorialização do desejo fruto dos modos pelos quais os processos de subjetivação se deram e pelos quais os desejos foram socializados, nada acidental torna-se a relação entre liberalismo e fascismo.

A *contrarrevolução* tem sempre como alvo, por assim dizer, procura fazer frente à “ingovernabilidade”, leia-se esta como reivindicação de pressão ao poder político.⁶⁴

⁵⁵ FISHER, *Realismo capitalista*, p. 84.

⁵⁶ FISHER, *K-Punk*, v. 3, p. 145.

⁵⁷ FISHER, *K-Punk*, v. 2, p. 435.

⁵⁸ MIROWISKI, *Nunca dejes que una crisis te gane la partida. ¿Cómo ha conseguido el neoliberalismo, responsable de la crisis, salir indemne de la misma?*

⁵⁹ Cf. HELLER, “*Authoritarian Liberalism?*” e SCHMITT, *Strong State and Sound Economy*.

⁶⁰ BEY, *TAZ – Zona Autônoma Temporária*.

⁶¹ REICH, *Psicologia das massas do fascismo*, p. 12.

⁶² JAPPE, *A sociedade autofágica*, p. 16.

⁶³ FOUCAULT, Preface. In: DELEUZE; GUATTARI, *Anti-Edipus*, pp. xi-xiv.

⁶⁴ CHAMAYOU, *La société ingouvernable*.

Assim é que a lógica neoliberal se coloca. Uma forma de guerra frente ao bom andamento dos negócios, ou seja, estratégia de despolitização/aniquiração do adversário. Portanto, a forma empresa é continuação da *guerra* por outros meios, inclusive jurídicos, programando legalmente a liberdade, esvaziada de qualquer demanda política, e naturalizando a submissão e suas violências. Como dito, nada a ver com uma simples guerra contra o Estado, mas contra aqueles que investem em restringir a livre concorrência, normalmente tendo a engrenagem estatal como aliada nesta governamentalidade – na mais pura síntese nazista do Estado forte e da despolitização da sociedade. Por isso, novamente, é necessário lembrar a necessidade do medo, como catalizador de uma sociedade securitária.⁶⁵

Na longa e complexa discussão sobre a *Contrarrevolução*, podemos observá-la, como fez Bernard Harcourt⁶⁶ desde os EUA, como um novo modelo político da guerra de contrainsurgência lastreado por técnicas militares. A sua tese está na atenção aos domínios de uma lógica de guerra “*sem a presença de uma insurgência, insurreição ou revolução*”. Na dita *Contrarrevolução*, “enfrentamos uma contrainsurgência sem insurgência”.⁶⁷ Figura que retoma a clássica aproximação de Marcuse no seu texto de 72 quando chamou a atenção para a *contrarrevolução preventiva*, ou seja, que a defesa do capitalismo requeria a organização da contrarrevolução. Segundo ele, é *preventiva* porque não haveria nenhuma revolução recente para combater ou alguma que estivesse surgindo. Entretanto, é o temor da revolução que faz o capitalismo se organizar para enfrentar esta ameaça mais radical.⁶⁸ No âmbito nacional, a pista foi perseguida por Florestan Fernandes ao conceituar a “revolução burguesa no Brasil” como uma “contrarrevolução prolongada”.⁶⁹

Assim, mesmo que o tema tenha acabado por ser recorrente também desde a perspectiva neoliberal – por exemplo, antes com Hayek⁷⁰ e sua “contrarrevolução científica” contra uma concepção meramente negativa de mercado e, mais tarde, nos 70 com Friedman,⁷¹ ao afirmar que a Escola de Chicago era uma contrarrevolução contra o keynesianismo –, independente dos caminhos que a discussão tome, flagrantemente estranho é que, em geral, um texto importantíssimo se perca: “*La Controrivoluzione preventiva*” do anarquista Luigi Fabbri. Muito antes de quaisquer destas discussões, em 1921, afirmava em suas reflexões sobre o fascismo que ele, ao corresponder à defesa da classe dirigente da sociedade moderna, não deve ser identificado apenas com suas formas oficiais.⁷² Se nas palavras de Georges Bataille em 33, o fascismo consistia numa “revolução afirmada como um princípio [que] é, ao mesmo tempo, fundamentalmente negada desde a dominação interna exercida militarmente por milícias”,⁷³ mais de uma década antes Fabbri escrevia que é a ameaça proletária que provocava a fusão da classe dirigente, do qual o fascismo constituía uma espécie de “milícia e polo de concentração”. E aqui a classe dominante a que se refere não é apenas a burguesia no sentido clássico, mas uma amálgama que constitui as categorias mais atrasadas e parasitárias:

⁶⁵ FOUCAULT, *Seguridad, territorio, población*.

⁶⁶ HARCOURT, *A contrarrevolução*.

⁶⁷ HARCOURT, *A contrarrevolução*, p. 25.

⁶⁸ MARCUSE, *Contrarrevolução e revolta*, p. 12.

⁶⁹ FERNANDES, *A revolução burguesa no Brasil*, p. 310.

⁷⁰ HAYEK, *The counter-revolution of science*.

⁷¹ FRIEDMAN; FRIEDMAN, *Free to choose*.

⁷² FABBRI, *La Controrivoluzione Preventiva*, p. 30.

⁷³ BATAILLE, *A estructura psicológica del fascismo*, pp. 34-35.

“fornecedores do governo e sua indústria protegida, a polícia que se tem tornado gigantesca, a alta burocracia e a magistratura, todos mais ou menos tendencialmente fascistas”. É de fascismo que se fala, portanto, quando se pretende tratar de contrarrevolução, preventiva ou não. Ele é como a insígnia disto, ou seja, é a solidariedade direta ou indireta, a cumplicidade mal dissimulada na maioria das vezes, de todas estas forças de conservação social que o torna forte.⁷⁴

Incontornável nesta altura é que expuséssemos algumas observações, mesmo que de modo esquemático, sobre a condição brasileira, em particular, pensar o que se poderia dizer sobre uma contrarrevolução brasileira à moda neoliberal. Apenas poderemos falar em *contrarrevolução*, neste caso *permanente*, se tivermos clara a maneira como ela opera. Historicamente isso poderia se verificar numa espécie interessante de montagem de uma “teoria geral da pacificação”⁷⁵ aos moldes brasileiros, afinal, sem exagero algum, há nisto uma espécie de *ethos* nacional.⁷⁶ Quando se aponta uma “guerra contra o povo”, como também já destacou Jeff Halper,⁷⁷ de modo global, ainda seguimos como laboratório do mundo.⁷⁸ Somos expertos na lógica da “guerra como paz, paz como pacificação”.⁷⁹ Desde quando fomos forjados como um experimento global de latifúndio escravagista exportador primário (primeira colônia agrícola do capitalismo mercantil do mundo moderno, segundo Celso Furtado),⁸⁰ já consolidávamos nossa *paz como guerra sem fim*. Nossas insurreições sempre foram “pacificadas” em nome da unidade nacional. Pátria brasileira que lega até hoje como poucas o modo elementar de exercício do poder soberano em operar a “subjugação da vida ao poder de morte”.⁸¹

Desde quando Foucault, *Em Defesa da Sociedade*,⁸² apôs a hipótese da guerra de raças como princípio de inteligibilidade histórica da política moderna, ou seja, a transformação direta pelo racismo do poder soberano em sociedade de normalização, nosso laboratório biopolítico já tinha comprovado plenamente esta condição. Poderíamos avançar e inclusive arriscar que o Estado brasileiro é efeito e já se governamentalizou tendo como práticas dinâmicas securitárias, que agudizam os problemas de soberania e da disciplina, que tem como alvo principal a população. O binômio “guerra-securitização” é o que poderia melhor expressar nosso modelo político, a gestão militarizada da sociedade brasileira que o Estado saberá atualizar permanentemente. A esse governo de populações ocupadas, de controle anti-insurrecional, de uma guerra securitária não interessa qualquer paz, senão como retórica ou lastro para a ocupação, ou ainda mais como modo para ajustar as estratégias do militarismo diariamente. Nossas forças armadas, por exemplo, nunca estiveram tão imiscuídas nas mais diversas atividades e na imanência daquilo que se pretende chamar de nação. O pátio militar não é privilégio das ditaduras, demonstra muito bem os governos ditos democráticos brasileiros, mesmo em seus desejos “progressistas” (não precisaremos citar os exemplos das Unidades de

⁷⁴ FABBRI, *La controrivoluzione preventiva*, pp. 31-2 (citações sucessivas).

⁷⁵ RIGAKOS, *Security/Capital*.

⁷⁶ Nesta linha, cf. GOMES, A “*pacificação*” como prática de “*política externa*” de (re)produção do self estatal.

⁷⁷ HALPER, *War against the people*.

⁷⁸ Neste sentido, mesmo que em perspectivas bastante díspares, entre outros, cf. ARANTES, A *Fratra brasileira do mundo* e COCCO, *MundoBraz*.

⁷⁹ NEOCLEOUS, *War power, police power*, p. 24.

⁸⁰ FURTADO, *Formação econômica do Brasil*.

⁸¹ MBEMBE, *Políticas da inimizade*, p. 107.

⁸² FOUCAULT, *Em defesa da sociedade*, pp. 285-316.

Polícias Pacificadoras – UPP’s – e mesmo do nosso *know-how* exportado através de “missões humanitárias”).⁸³ Só alcançamos este estágio mais recente porque o paradigma da contrainsurgência por aqui já estava inscrito nos corpos antes mesmo de ser.

Não esqueçamos o resultado deste tipo de política de formação histórica no Brasil em termos de panorama representativo, ou seja, a política de conciliação bem estampada no autoengano do período da chamada “redemocratização”. A ideia, de modo resumido, era a de que o consenso conduziria a uma evolução graduada e segura; que a conciliação com partes progressistas da burguesia nacional e setores das forças armadas garantiria conquistas aos poucos, mas de modo sólido. Conciliação que se deu também por meio da institucionalização das lutas sociais e que tem como consequência a despolitização da sociedade. Vemos bem hoje a que ponto este estado de coisas pode chegar. Como lembra Vladimir Safatle,⁸⁴ ao editar as obras de Carlos Marighella, isso até hoje exprime a limitação das dinâmicas de esquerda com suas “conciliações heteróclitas e seus sistemas de gestão da paralisia”. *Conciliação* é apenas outro modo de falar *pacificação* na esfera macropolítica representativa/eleitoral – eis a operação da *contrarrevolução brasileira*.

É por aí que se deve seguir uma reflexão aguda, tornada cada vez mais imprescindível, para delinear o estatuto político do Brasil na atualidade. As leituras são as mais diversas possíveis e já foram feitas quase à exaustão, sem o dever de cessarem. No espaço de um trabalho como este, não restaria mais que lembrar, de modo sucinto, o conhecido diagnóstico feito por Safatle em variados momentos, primeiro especialmente em *Bem-vindo ao estado suicidário* e, sobretudo, em *Para além da necropolítica*,⁸⁵ que aponta habilmente a contingência brasileira orientada àquilo que Paul Virilio chamou de “estado suicidário”. Foi assim que Deleuze e Guattari – lembrando o cap. I do livro *A insegurança do território*⁸⁶ do arquiteto franco-italiano – fizeram, no clássico capítulo IX do *Mil Platôs* chamado *1933 – Micropolítica e Segmentariedade*,⁸⁷ ao fugirem do privilégio de analisar o fascismo a partir da presença de uma concepção totalitária de Estado (intento que antes Jean Pierre Faye e mesmo, em algum sentido, Hannah Arendt pretenderam fazer). Não esqueçamos que a leitura de Virilio também aparece quase que simultaneamente ao seminário foucaultiano 1975-76 que, na aula do dia 17 de março de 1976, analisa o regime nazista como um estado racista, assassino e “absolutamente suicida”, em que a guerra é a fase última e decisiva de todos os processos políticos.⁸⁸ Em consequência, para Foucault, era apenas uma face do objetivo nazista simplesmente a destruição de todas as outras raças, a outra face seria “expor sua própria raça ao perigo absoluto e universal da morte”, ao ponto tal que toda a população seja exposta à morte.⁸⁹ Assim é que Deleuze e Guattari, pouco depois, compreendem a dimensão molecular do fascismo. Espécie de linha de fuga capitulada, potência de movimento e transformação (“máquina de guerra”) capturada suicidariamente. Aquilo que há de dinâmica libertária nas “máquinas de guerra”, figura nômade em permanente mutação, aquilo que antes é potência molecular de combate e mutação (“linhas de fuga”), só será destruição no sentido

⁸³ Desde ao menos quatro aproximações diferentes neste vasto campo de análise, mas de algum modo complementares, ver: CARVALHO, *Forças Armadas e política no Brasil*; LENTZ, *República de Segurança Nacional*; VICTOR, *Poder Camuflado* e VIANA, *Dano Colateral*.

⁸⁴ SAFATLE, *Prefácio - Luta armada por substituição*, p. 15.

⁸⁵ SAFATLE, *Bem-vindo ao Estado Suicidário* e SAFATLE, *Para além da necropolítica*.

⁸⁶ VIRILIO, *La Inseguridad del Territorio*, pp. 17-36.

⁸⁷ DELEUZE; GUATTARI, *Mil Platôs*, v. 3, pp. 76-106.

⁸⁸ FOUCAULT, *Em Defesa da Sociedade*, p. 311.

⁸⁹ FOUCAULT, *Em Defesa da sociedade*, p. 310.

da apropriação do Estado por ela. Dirão que a guerra “é o único objeto que resta à máquina de guerra quando ela perdeu sua potência de mudar”.⁹⁰ Fascismo, assim, é a apropriação do Estado por uma máquina de guerra. Muito mais suicidário do que total, operando por linhas de destruição puras, movimento perpétuo de aceleração que mobiliza a morte como coroamento e a guerra ilimitada como horizonte de ação catastrófico. “Em suma, é ao mesmo tempo que o aparelho de Estado se apropria de uma máquina de guerra, que a máquina de guerra toma a guerra por objeto e que a guerra fica subordinada aos fins do Estado”.⁹¹ Guerra total que toma por centro não o aniquilamento do inimigo, mas da própria população.

Se pudermos dar uma volta a mais no parafuso, para tencionar ainda mais o conceito de “estado suicidário”, principalmente em termos brasileiros, talvez tivéssemos que avançar recolocando a pergunta noutros termos: e se já não fosse exatamente isso, mas ainda algo pior, para além das trocas representativas? E se for o caso de indicarmos a insuficiência desta leitura, tanto na direção da nossa suposta condição necropolítica quanto mais além ainda na direção da figura (fascista) que converte a guerra num movimento ilimitado? Ao menos se quisermos percorrer as pistas firmadas por Deleuze e Guattari, em seu *1227 – Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra*,⁹² daquilo que eles chamam de “máquina de guerra mundial”, ao fim do capítulo XII, poderemos alcançar, sobremaneira, uma *outra figura sucessiva* na qual o fascismo não é mais que um esboço. Se antes, no fascismo, temos uma máquina de guerra que tem a guerra como objeto (como fim privilegiado), ademais devemos atentar para uma “máquina de guerra que toma diretamente a paz por objeto”. Nos seus dizeres, como “paz do Terror ou da Sobrevivência”. Daí emerge a “*figura pós-fascista*” – a qual poderia servir para ser lançada como indicando algo da condição brasileira contemporânea, em nada anulando as anteriores, mas atravessando-as para além – que se ajusta terrivelmente à nossa atualidade. Uma figura ainda mais terrífica que ultrapassa a guerra total como forma de paz. Uma (nem tão) nova máquina que talvez devamos ainda melhor analisar em outros espaços.

4. Conclusão

O iminente estágio nos modos de gestão neoliberal comporta uma fase ainda mais cruel e, quiçá, mais terminal – por óbvio, em nada excluindo os possíveis outros enfrentamentos. Independentemente do que a chamarmos, “momento neofascista do neoliberalismo”⁹³, “neoliberal fascista”⁹⁴ ou “neoliberalismo piorado”,⁹⁵ encontramos-nos, confirmada nossa hipótese, para além da temática necropolítica conhecida, do Estado como gestor de mortes e desaparecimentos, como tradicionalmente se caracterizaria o Brasil,⁹⁶ e ainda não somente, noutro platô, no aprofundamento das suas práticas pela explosão do próprio estado suicidário. Emerge aqui algo quiçá inaudito: uma empreitada,

⁹⁰ DELEUZE; GUATTARI, *Mil platôs*, v. 3, p. 103.

⁹¹ DELEUZE; GUATTARI, *Mil platôs*, v. 5, p. 90.

⁹² Sucessivas citações, todas em DELEUZE; GUATTARI, *Mil Platôs*, v. 5, p. 94.

⁹³ FASSIM, *Le moment néofasciste du néoliberalisme*.

⁹⁴ GIROUD, *Neoliberal fascism and the echoes of history*.

⁹⁵ LAVAL; DARDOT, *Neoliberalismo versión empeorada*.

⁹⁶ Cf. FRANCO, *Governar os mortos*.

etapa ou condição, por assim dizer, "pós-fascista", uma máquina de guerra que já havia tomado como seu objeto a própria guerra (ou seja, a destruição e a mobilização pelo desastre) e que passa agora a investir diretamente na "paz do terror". Uma guerra total, mas agora tomando a forma de uma "paz que terrífica".

Quando Deleuze e Guattari desenvolvem sua crítica do "capitalismo mundial integrado" dispendo a tendência em desenvolver a guerra total, que se projeta acima dos Estados, foi para afirmar que num primeiro momento (fascista) os Estados se apropriam de uma máquina de guerra para seus fins. Todavia, assumindo o que sustentam por inteiro, é preciso seguir o movimento real, este sim fundamental, proposto também por Virilio, diga-se de passagem, ao cabo do qual, noutra momento, uma máquina de guerra se apropria dos Estados como simples meios apropriados para suas funções políticas. Em suma, se o fascismo é uma espécie de nihilismo realizado – linhas de destruição e núpcias com a morte, em virtude de uma máquina de guerra que não tem mais objeto senão a guerra, uma queda da mutação quando perdeu sua potência, enfim, a substituição da transformação pela destruição – esta conversão da guerra em movimento ilimitado é apenas um esboço da "figura pós-fascista", quer dizer, *governo pela paz do terror na forma de mera sobrevivência*.

Para finalizar, se a antessala desta condição pôde ser testemunhada, apenas para ficar no período do governo passado, na torrente de manifestações bolsonaristas governamentais sucessivas (nosso equivalente cotidiano ao *Telegrama 71*), quando superamos mais de setecentos mil mortos oficialmente pela covid-19 (Brasil possui 2,7% da população mundial com 12,4% das vítimas), é porque tínhamos ultrapassamos algum estágio que faria disso a caracterização de um regime fascista. Poderemos estar, portanto, na direção de algo ainda mais profundo que a gestão da morte de grupos específicos, mais agudo que a emulação da autodestruição, para, assim, experienciar um estado de pacificação mortal, de gestão terrífica de uma condição de sobrevivência. Enfim – como mestres na *contrarrevolução* orientada à *pacificação/conciliação* e destinada a confirmar o *ethos brasileiro* –, estaríamos vivenciando um regime de inércia cadavérica, uma paz de cemitérios que, vez mais como laboratório, poderia o Brasil encarregar de se tornar exemplo para o mundo.

Referências

- ARANTES, Paulo. *A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização*. Posfácio de Marildo Menegat. São Paulo: Editora 34, 2023.
- BALESTRINI, Nanni; MORONI, Primo. *L'orda d'oro 1968-1977. La grande ondata rivoluzionaria e creativa, política e esistenziale*. Milan: Feltrinelli, 1997.
- BATAILLE, Georges. A Estructura Psicológica del Fascismo. In: BATAILLE, Georges. *El Estado y el Problema del Fascismo*. Trad. Pilar Guilhem Gilabert. Introducción de Antonio Campillo. Valencia: Universidad de Murcia/Pre-Textos, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhida. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.
- BENJAMIN, Walter. Melancolia de Esquerda. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie (escritos escolhidos)*. Seleção e apresentação de Willi Bolle. Trad. Celeste de Sousa et al. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1986.
- BERARDI, Franco 'Bifo'. *Futurability: the age of impotence and the horizon of possibility*. London/New York: Verso, 2017.
- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Trad. Regina Silva. São Paulo: UBU, 2019.
- BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. Trad. Patrícia Decia & Renato Resende. Coletivo Sabotagem, 1985.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. Trad. Ivone C. Benedetti. Rev. tec. Brasília Sallum Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BROWN, Wendy. Resisting Left Melancholy. *boundary 2*, v. 26, n. 3, 1999.
- BRUM, Eliane. *Banzeiro Ôkotó. Uma viagem à Amazônia centro do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: UBU, 2022.
- CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Ed. Atualizada e revisada. São Paulo: Todavia, 2019.
- CHAMAYOU, Grégoire. *La société ingouvernable: une généalogie du libéralisme autoritaire*. Paris: La Fabrique, 2018.
- COCCO, Giuseppe. *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DeLANDA, Manuel. *Philosophy and simulation: the emergency of syntetic reason*. London/Nwe York: Continuum, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 5.

DELEUZE, Giles. *Conversações (1972-1990)*. Trad. Peter Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Força de Lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Vadios: dois ensaios sobre a razão*. Coord. Científica da Edição, Trad. e Notas Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2009.

FABBRI, Luigi. *La Controrivoluzione Preventiva. Riflessioni sul fascismo*. Milano: Zero in condotta, 2009.

FASSIM, E. Le moment néofasciste du néoliberalisme, *Mediapart*, 29 jun. 2018. Disponível em: <https://blogs.mediapart.fr/eric-fassin/blog/290618/le-moment-neofasciste-du-neoliberalisme>. Acesso em: 22 maio 2023.

FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 310.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. *Habitar y gobernar: inspiraciones para una nueva concepción política*. S.l.: Ned Ediciones, 2020.

FISHER, Mark. *K-Punk: escritos reunidos e inéditos (música y política)*. Buenos Aires: Caja Negra, 2020. v. 2.

FISHER, Mark. *K-Punk: escritos reunidos e inéditos (reflexiones, comunismo ácido y entrevistas)*. Editado por Darren Ambrose; prólogo de Matt Colquhoun. Buenos Aires: Caja Negra, 2021. v. 3.

FISHER, Mark. *Los Fantasmas de mi vida: escritos sobre depresión, hauntología y futuros perdidos*. Prólogo de Pablo Schanton. Trad. Fernando Bruno. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Edição Estabelecida por Michel Senellart; sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Trad. Eduardo Brandão; revisão de tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Edição Estabelecida no âmbito da Associação para o Centro Michel Foucault, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana,

por Mauro Bertani e Alessandro Fontana. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. Preface. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Edipus: capitalism and schizophrenia*. Translated from the French by Robert Huxley, Mark Seem, and Helen R. Lane. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.

FOUCAULT, Michel. *Seguridad, territorio, población: curso en el Collège de France (1977-1978)*. Edición establecida por Michel Senellart, bajo la dirección de François Ewald y Alessandro Fontana. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

FRANCO, Fábio Luís. *Governar os mortos: necropolíticas, desaparecimento e subjetividade*. Coleção Explosante. São Paulo: UBU, 2021.

FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose. *Free to Choose: a personal statement*. New York: London: HBJ, 1980.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalism and Freedom*. Fortieth Anniversary Edition With a new Preface by the Author. With the Assistance of Rose D. Friedman. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2002 [1962].

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Edição Comemorativa – 50 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIROUD, H. Neoliberal Fascism and the Echoes of History, *Truthdig*, 02 out. 2018. Disponível em: <https://www.truthdig.com/articles/neoliberal-fascism-and-the-echoes-of-history/>. Acesso em: 22 maio 2023.

GOMES, M. S. A “*pacificação*” como prática de “*política externa*” de (re)produção do self estatal: reescrevendo o engajamento do Brasil na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais, PUC-Rio, 2014.

GRAEBER, David. Of flying cars and the declining rate of profit. *Baffler*, n. 19, mar. 2012. Disponível em: <https://thebaffler.com/salvos/of-flying-cars-and-the-declining-rate-of-profit>. Acesso em: 22 maio 2023.

HÄGGLUND, Martin. *Radical Atheism: Derrida and the time of life*. Stanford: Stanford University Press, 2008.

HALPER, J. *War against the people: Israel, the Palestinians and the global pacification*. London: Pluto Press, 2015.

HARCOURT, Bernard. *A contrarrevolução: como o governo entrou em guerra contra seus próprios cidadãos*. Trad. Augusto Jobim do Amaral et al. São Paulo: GlacEdições, 2021.

HARDT, Michel. The Common in Communism. In: DOUZINAS, C.; ŽIŽEK, S. (Eds.). *The Idea of Communism*. London: Verso, 2010.

HAYEK, Friedrich von. *El Mercurio*, Santiago de Chile, 12 abr. 1981, p. D8-D9.

HAYEK, Friedrich. *The counter-revolution of science: studies on the abuse of reason*. Glencoe: The Free Press, 1952.

JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*. Trad. de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006.

JAPPE, Anselm. *A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. Trad. Júlio Henriques. São Paulo: Elefante, 2021.

LAND, Nick. Suspended animation. *Urbanatomy E-publications: urban futures pamphlets: series 1: Times Sequence, (2011-13) #3*, 2013.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. Neoliberalismo versão empeorada, *Revista Anfibia*, 2018. Disponível em: <http://revistaanfibia.com/ensayo/neoliberalismo-version-empeorada/>. Acesso em: 22 maio 2023.

LENTZ, Rodrigo. *República de segurança nacional: militares e política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Rosa de Luxemburgo, 2022.

MALABOU, Catherine. *Plasticity at the dusk of writing. dialectic, destruction, deconstruction*. Translated with an Introduction by Carolyn Shread. With a new afterword by the Author. Foreword by Clayton Crockett. New York: Columbia University Press, 2010.

MARCUSE, Herbert. *Contrarrevolução e revolta*. Trad. Antonio González de León. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1973.

MARCUSE, Herbert. *Eros y civilización*. Madrid: Sarpe, 1983

MARX, Karl. *El capital: libro primero*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1975. v. 1.

MBEMBE, Achile. *Políticas da inimizade*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MIROWISKI, Philip. *Nunca dejes que una crisis te gane la partida. ¿Cómo ha conseguido el neoliberalismo, responsable de la crisis, salir indemne de la misma?*. Madrid: Planeta, 2014.

NEOCLEOUS, Mark. *War Power, police power*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

PASSETTI, Edson (coord.); AUGUSTO, Acácio; CARNEIRO, Beatriz S.; RODRIGUES, Thiago. *Ecopolítica*. São Paulo: hedra, 2019.

REICH, Wilhelm. *Psicologia das massas do fascismo*. 2. ed. Trad. de Maria da Graça Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RIGAKOS, George. *Security/Capital: a general theory of pacification*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

SAFATLE, Vladimir. Prefácio: Luta Armada por Substituição. In: MARIQUELLA, C. *Chamamento ao Povo Brasileiro*. Org. Vladimir Safatle. São Paulo: UBU, 2019.

SAFATLE, Vladimir. Bem-vindo ao Estado Suicidário. In: *Pandemia Crítica: n-1 edições*, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Acesso em: 22 maio 2023.

SAFATLE, Vladimir. Para além da necropolítica. In: *Pandemia crítica*: n-1 edições, n. 146, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/191>. Acesso em: 22 maio 2023.

SCHMITT, Carl. Strong state and sound economy: an address to business leaders. In: CRISTI, Renato. *Carl Schmitt and Authoritarian Liberalism*. Cardiff: University of Wales Press, 1998.

SPINOZA, Baruj. *Ética demonstrada según el orden geométrico*. Edición y traducción de Atiliano Domínguez. Madrid: Trotta, 2000.

THATCHER, Margaret. Interview for woman's own ('no such thing as society'), 23 set. 1987. Disponível em: <https://www.margaretthatcher.org/document/106689>.

VIANA, Natalia. *Dano Colateral: A intervenção dos militares na segurança pública*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

VICTOR, Fabio. *Poder Camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

VIRILIO, Paul. *A inércia polar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

VIRILIO, Paul. *La inseguridad del territorio*. Colección biblioteca de los confines. Buenos Aires: La marca, 1999.

SOBRE O AUTOR

Augusto Jobim do Amaral

Pós-Doutor em Filosofia Política pela *Università degli Studi di Padova* (Itália). Doutor em Altos Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra (Portugal) e Doutor em Ciências Criminais pela PUCRS. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e de Ciências Criminais, ambos da PUCRS. Professor Visitante na *Universidad de Sevilla* (Espanha).
E-mail: augusto.amaral@pucrs.br.